

A Capital Nacional da Moda Tricô

Monte Sião é um município que fica no sul de Minas Gerais, na divisa com o estado de São Paulo. Pela estimativa do IBGE em 2017, conta com 23 247 habitantes. Sua área é de 292 km² e a altitude é de 850m. Monte-sionense é o gentílico para quem nasce em Monte Sião.

FUNDADOR: Dr. Antonio Marcello da Silva - 15/01/1958

Abril de 2022 - Nº 598

Diretores - Antonio Marcello da Silva (*1931-) - Pascoal Andreta (*1915 - + 1982) - Ugo Labegalini (*1931 - +2012) - Ivan Mariano Silva (*1935 - +2020) - Alessandra Mariano (1969 -)

IVAN

Insone, saí da cama, fui para a sala, liguei a televisão. Sem se anunciar ou me chamar, meu pai surgiu na porta, na mesma posição costumeira: inclinado e encostado no batente, dando a impressão de estar à vontade, escondendo qualquer outro sentimento mais sério que pudesse ter trazido. Mas a roupa que vestia não era a mesma de sempre – camisa branca, de manga comprida, que jamais usou e calças pretas. Não me lembro direito da marca, mas tive a impressão de que ele tinha na mão um Sudan Ovaes, retirado da carteira azul de papelão fino com as arestas bem definidas, onde ele batia o cigarro antes de acendê-lo. Olhou para mim e, sorrindo levemente para mostrar naturalidade e não me assustar, mais afirmou que perguntou:

— Você está preocupado, não está?

CRÔNICAS DA MINHA GENTE

VISÃO

— Sim, eu me encontrava muito preocupado e, mais do que preocupado, estava angustiado, o coração pesado e oprimido, a respiração curta e insuficiente, conseguida à custa de esforço. As pálpebras pendiam doloridas e pesadas como duas bolhas pendentes e repletas de água na iminência de estourar. Queria responder, mas o ar que me faltava impediu que a voz saísse.

— Não ligue, não – disse – que vai dar tudo certo. – Sorri novamente, tragou o Sudan,

partiu do mesmo modo que entrou, sem nada dizer, sem se despedir.

A visita inesperada de meu pai em momento tão aflitivo, seu sorriso confiante e a mensagem de otimismo deixaram-me aliviado. A calma retornou e, durante os segundos em que ele deveria chegar à rua, pus-me a avaliar o julgamento injusto que sempre fizera dele, recriminando suas atitudes, depreciando sua conduta, rejeitando seu comportamento, mesmo que correto, pois eu

queria ver nele, sem saber o motivo, o erro, o ridículo, a inconveniência, menos as qualidades que eu relutava em admitir. Entretanto, aquele seu sorriso tão conciliador e terno, o brilho do seu olhar sugerindo cuidado, o seu porte de abandono – para amenizar o meu medo da vida – e a fumaça do Sudan, onde escondi a preocupação pelo filho, levaram-me a reconhecer o meu estúpido engano e ao arrependimento súbito. Eu sempre fora o errado, con-

cluí. Entendi, de repente, que meu pai tivera deslizes como qualquer outro pai, e que eu o pretendia perfeito ou, mesmo, exigindo tudo o que eu dele esperava, enquanto jamais me perguntara se era o filho que ele almejava. Quem sabe eu tinha inveja de seus talentos e, não conseguindo superá-los, escondia minha inépcia, enquanto uma vaidade leviana me impedia de admitir meu equívoco e minha fraqueza. Ele me trouxera a paz. Senti, então, insuportável vontade

de abraçá-lo, de dizer-lhe que eu estava errado. Embora envelhecido, tarde constatei que o erro não se apequena nem se ameniza com o passar do tempo, pelo contrário, cresce, adensa-se, tornando-se agudo e cortante, ferindo sem piedade. Mas já era tarde. Na noite em que me visitou, havia dois anos que estava morto... e meu abraço permanece a vagar, à procura daquele ombro que eu deixara de apertar, por estupidez, ingratidão e incapacidade de oferecer indulgência ao pai e brio ao filho.

Crônicas da Minha Gente – seleção de crônicas de Ivan Mariano Silva, colaborador incansável deste jornal, um dos idealizadores e fundadores do Museu Histórico e Geográfico de Monte Sião e da FCPA, que nos deixou em Agosto/2020

O lado bom da solidão

L. A. GENGHINI

Beirando os 70 anos, admito que passo felizes momentos de solidão num pequeno sítio que me coube cuidar, há uns 40 anos, lá no pé da serra, no bairro dos Farias, município de Ouro Fino, logo na tombada da divisa com Monte Sião.

Lá tenho encontrado paz e compreendido a força da solidão, que nos permite viagens interiores impagáveis. A solidão nos possibilita observar o entorno, sentir a brisa, apreciar a aurora e o ocaso, observar as flores e seus perfumes, acompanhar o crescimento dos frutos, conversar com as árvores, com os pássaros, distribuir farelo e alpiste para os canários da terra, rolinhas, tico-ticos e frutos para os sabiás, jacus e sanhaços... Caminhar pelas estradas de terra ao lado do Bokão, dizer bom dia aos vizinhos, conversar com D. Maria e Seu João, com a Preta e o Paulinho, colher pimentas na restinga, coroar as árvores do pomar, plantar mudas novas, levar restos de pão aos lambaris, observar o Cristiano e seus ajudantes na lida do gado e uma infinidade de tarefas que consomem os longos dias, nada pacatos, do Sul de Minas.

A rotina de dormir cedo e acordar ao raiar do dia é

saudável e ajuda nas orações nada convencionais de agradecimentos ao criador.

Em 02/04/2022 (Estado, Bem estar, pag. 6) foi publicado um artigo sobre comportamento sob o título na forma de pergunta: “É possível aprender a apreciar a solidão?” de Holly Burns e Madeline Cass (New York Times), traduzida por Livia Bueloni Gonçalves, discorrendo sobre as vantagens de aprender a apreciar e conviver com a solidão, que fizeram com que eu compreendesse a preferência por passar dias solitários, às vezes com Edna, minha companheira de vida, no meu cantinho de natureza e paz.

Um dia, há uns cinco anos, enquanto eu passava um café de coador, forte e amargo para começar o dia, um cão com todos os sinais de abandonado e assustador, estava dentro de casa a me olhar fixamente... Num primeiro momento, provocou-me susto e reação de expulsão, ao que ele retrocedeu até o terreiro e continuou a me fitar nos olhos, como a dizer que havia me escolhido para ajudá-lo. Demorou pouco e eu já estava revirando a geladeira em busca do que alimentá-lo e tudo que encontrei foi um pedaço de bacon (toucinho defumado) que ele comeu de um boca-

do só.

A segunda etapa foi me aproximar dele e iniciar contato, ao que ele não manifestou resistência. Era ainda um cachorro novo, por volta de um a dois anos, um “caramelo” ou vira latas com cara de pitbull e outras 27 raças. Estava sujo, encardido, com bernes e bicheira nas pernas dianteiras, magro, de olhar triste de abandono e fedendo a carniça azeda, que denunciavam as peripécias que teria vivenciado em busca da sobrevivência.

Sem muitas dificuldades fizemos os curativos com remédios de bezerro (Lepecid Spray), água oxigenada e pomada Nebacetin, já que a situação de cão sem dono o tornava deplorável, parecendo que no último apelo ele me escolheu como seu tutor. Com ajuda da Nilda, que gosta muito de animais, e do Juliano, que pôs ordem na casa, improvisamos as condições mínimas para o acolhimento daquele bicho que havia me adotado e de quem esperava cuidados sem nada prometer.

Demos-lhe um nome de estirpe, nome e sobrenome: Fred Bokão! E o Bokão foi ficando por lá, comendo quase dois sacos de ração por mês e latindo para qualquer movimento estranho, dia e noite. De vez em

quando ele tem uns ataques de saudosismo, dá uma sumida e, caçador e sobrevivente que é, volta com uma galinha na boca, fato que o mantém preso para evitar dissabores com a vizinhança. O bicho é um caçador e é inteligente, pena que não tenha tempo para treiná-lo. Mesmo assim é carinhoso, atencioso, afetivo e gosta de caminhadas, embora ainda guarde medo de gente, provavelmente em decorrência de sua primeira fase da vida, quando deve ter sido muito maltratado.

Atualmente nos vemos pelo menos um fim de semana por mês, quando deixo a solidão de São Paulo e a troco pela solidão do sítio. É sempre uma grande festa quando chego e uma tristeza

de fazer dó quando parto de volta.

A partir da chegada do Bokão, minha solidão no sítio não tem sido mais tão solitária porque encontrei uma sombra canina que me segue em todos os movimentos e a todo instante me provoca para passeios pela estrada de terra batida.

Como já tivemos uma experiência anterior, por 16 anos com um gato vira latas, siamês e mais 14 raças, o Flying Cat, que adoeceu na mesma ocasião que eu e morreu no meu lugar e agora temos o Bokão, somos fãs do filme A Bússola de Ouro... vale conferir, é diversão garantida, recheada de emoção e simplicidade, filme para ver com filhos e netos, especialmente com

afilhados.

Durante a semana os cuidados ficam por conta do Juliano até que eu chegue e o Bokão faça a sua festa de felicidade canina.

Conforme já falamos e citamos artigo específico, a solidão pode ser muito boa, pode nos ajudar a pensar, a organizar as ideias e a fazer preces, tendo a natureza como cenário, mas se o solitário puder ter um animal de estimação para dividir o tempo, fica muito mais gostoso.

Até qualquer hora pessoal.

(Filme: A Bússola de ouro Dublado, <https://www.youtube.com/watch?v=UN-rHU5xKgJs>)

XX Concurso “Fritz Teixeira de Salles de Poesia”

Inscrições abertas
21/03/2022 a 13/05/2022

Consulte o regulamento:
www.fundacaopascoalandreta.com.br

Participe!

COVID19

SIGA AS RECOMENDAÇÕES DAS
AUTORIDADES DE SAÚDE

PREVINA-SE:



LIMPE



USE



DISTANCIE



HIGIENIZE

MAIS RESPEITO COM O PORTUGUÊS - Nº 42

ISMAEL RIELI

A pessoa sem moral
E que não honra o que diz
É uma casa sem quintal
Um quadro negro sem giz.

Teste seus conhecimentos sobre os termos da oração. Escreva nos parênteses o número correspondente à função da palavra “noite”.

- 1: Sujeito; 2: Predicativo; 3: Objeto direto; 4: Objeto indireto; 5: Complemento nominal; 6: Agente da passiva; 7: Adjunto nominal; 8: Adjunto adverbial; 9: Aposto; 10: Vocativo
- () Ele temia a noite escura.
() A cegueira era a noite de sua vida.
() À noite íamos ao cinema.
() A noite é misteriosa.
() Ó noite, amo teu silêncio!
() Não tens medo da noite?
() Eu gosto da noite.
() Uma coisa o apavorava, a noite escura e fria.
() As sombras da noite cobrem a terra.
() Fomos surpreendidos pela noite.

Minhas Relíquias, Minhas Joias, Meus Livros Autografados Mexendo em minha biblioteca encontrei um punhado de livros autografados:

- Do Lola: Pelos Caminhos de Monte Sião; Santuário; Monte Sion, Amore Mio; Fragmentos Históricos.
- De Augusto Gotardello: A crase nos bons escritores
- Do compadre Lourenço Diaféria: Circo dos Cavalões

Dos professores:

- Idel Becker: Manual de Espanhol; Humor e Humorismo
- G. D. Leoni: A Literatura de Roma/Cento Anedoti; Bosquejo Histórico da Literatura Italiana/Gramática Italiana
- Alfredo Bosí: O Conto brasileiro contemporâneo – “para

Ismael Rieli, distante no espaço, próximo na memória. Com as saudades do Alfredo”.

- Imidio Giuseppe Nericci: Você e a Educação; Adolescência, o drama de uma idade
- Antônio Soares Amora: Teoria da Literatura
- Antônio Cândido: O Observador Literário
- De Mário Carvalho de Jesus: A Firmeza Permanente
- De Luis Martins: Noturno da Lapa
- De Gilberto Dimenstein: As Meninas da Noite
- De Sidney Gioielli: As Quatro Estações
- De Lygia Batista: Beba do meu Corpo; O Anjo Maldito
- Do inesquecível Zé Paulo: Guia Histórico de Águas de Lindóia; Minhas duas Lindóias.
- De Dona Nenê Hermes Lima recebi dois livros de seu marido: Introdução à ciência do direito; Anísio Teixeira, estadista da educação.

Hermes Lima frequentava com a esposa Nenê o Hotel Glória.

Esteve no Recanto dos Nefelibatas, atravessado por um “Coraguinho” que batizei de Rubicão. O ministro prometeu, “Na próxima vez eu atravesso o Rubicão”. Alea jacta est. Infelizmente não houve próxima vez.

Com a renúncia de Jânio, o vice Jango estava na China e voltou com várias escalas, indo parar no Uruguai, vizinho do Rio Grande, governado pelo cunhado Leonel Brizola.

Os milicos impuseram o parlamentarismo para Jango tomar posse, como a rainha da Inglaterra.

Jango aceitou e escolheu para 1º ministro Tancredo Neves, depois veio Brochado da Rocha e o terceiro foi Hermes Lima.

Realizou-se então um plebiscito e, por larga maioria, venceu o presidencialismo.

Só então Jango se tornou

realmente presidente.

Hermes Lima foi escolhido para o STF, Supremo Tribunal Federal.

Depois, aos 31 de março de 1964, desencadeada por Magalhães Pinto, Mourão Filho vindo de Minas, dentre outros, Ademar de Barros e Amaury Kruehl de São Paulo, Lacerda do Rio, um golpe militar derrubou Jango, que se exilou no Uruguai.

Vieram os governos militares.

Vieram as mortes, as torturas, as cassações. O integro ministro baiano Hermes Lima foi um dos primeiros cassados.

Comecei em São Paulo minha carreira de professor. Uma aluna extrovertida conseguiu contato com Antônio Olavo Pereira a quem eu me referia em uma aula. Ela foi gentilmente recebida por ele e levou dois livros meus para serem autografados: Marcoré e Fio de Prumo que guardo com carinho. Agosto de 1966.

Corria o ano da graça do Nosso Senhor Jesus Cristo de 1967 quando a Editora do Autor atingiu seu apogeu com a publicação de nossos contistas, cronistas e poetas da época, além de obras traduzidas como o famoso “O Apanhador no Campo de Centeio”.

No dia 30 de novembro de 1967 vieram a São Paulo para uma concorrida noite de autógrafos: Rubem Braga, Vinicius de Moraes e Fernando Sabino. Comprei e entrei nas filas de autógrafos:

- De Fernando – A Inglesa Deslumbrada
- De Rubem – A Traição das Elegantes
- De Vinicius – Livro de Sonetos

Da dama da literatura brasileira Lygia Fagundes Telles, assídua frequentadora do Hotel Glória: Histórias Escolhidas; Antes do Baile Verde.

Dela recebi também uma adorada cartinha, que tomo a liberdade de transcrever.

Meu caro Vereador Ismael Rieli.

Que gentileza! Fiquei grata com a sua amável lembrança, com a generosa referência a esta escritora. Merci! Aproveito a oportunidade de lhe enviar através do querido amigo Audálio os meus melhores cumprimentos. Defenda sempre este patrimônio (tão belo e tão verdadeiro) que é o nosso Hotel Glória. O meu abraço com os votos muito sinceros que Deus o acompanhe e o ilumine.

Assinado Lygia Fagundes Telles - Lindóia, janeiro de 1988.

Máximas atualizadas
“Tempo é dinheiro” na era Bolsonaro virou “templo é dinheiro”.

“No princípio era o verbo”, virou “no princípio era a verba no maltratado ministério da educação”.

“Deus é o caminho” nós, o povo, somos o pedágio.

Campeão de desmatamento
É grande, muito grande, enorme, desconunal a área da Amazônia desmatada em 2021 nesse governo desastrado. São 13mil km².

Para se ter uma ideia, o município de Monte Sião em suas divisas com Ouro Fino, Águas de Lindóia, Jacutinga, Campo Místico (Bueno Brandão), Itapira e Socorro tem 290 km².

O estrago Amazônico, só em um ano, corresponde a 44 vezes o município de Monte Sião.

Parecido, mas totalmente diferente:

Ao encontro de. De encontro a. O Eleutério vem ao encontro do Rio Mogi engordando-o.

Algo que vem pra unir, pra somar.

Uma fatal ultrapassagem proibida levou o carro de encon-

tro a uma carreta carregada de soja.

Choque, contrário.

Suas ideias vêm ao encontro das minhas.

Suas ideias vem de encontro às minhas.

Um Acinte, Um Despropósito, Um Disparate, Um Tapa na Cara

A medalha do mérito indigenista que o “Mito” se auto outorgou.

Ele é inimigo declarado dos silvícolas; ele envenena com mercúrio a água dos índios; ele permite e incentiva garimpos ilegais; ele não demarca e invade terras indígenas. Não merece o cocar, não merece a esdrúxula homenagem. Está certo o indigenista Sidney Possuelo que devolveu a mesma medalha recebida há 35 anos. É como cantam as Frenéticas: “você escolheu errado seu super-herói”.

Essa inusitada homenagem nos remete a Camões lírico com o verso “É ter com quem nos mata lealdade” do antológico soneto O Amor é Fogo...

O amor é um fogo que arde sem se ver;

É ferida que dói, e não se sente;

É um contentamento descontente,

É dor que desatina sem doer.

É um não querer mais que bem querer;

É um solitário andar por entre a gente;

É nunca contentar-se de contente;

É cuidar que se ganha em se perder.

É querer estar preso por vontade;

É servir a quem vence, o vencedor;

É ter, com quem nos mata, lealdade.

Mas como causar pode seu favor

Nos corações humanos amizade,

Se tão contrário a si é o mesmo amor?

**

A redentora

Que acaba de completar 58

anos, enaltecida em prosa e verso

pelo “mito” ceifou a vida de 434 brasileiros – torturou mais de 20 mil cidadãos e cidadãs, um deles aqui de Ouro Fino.

Enquanto isso nossa vizinha Lindóia, a “Cidade Privilégio”, mantém incólume o nome de sua principal artéria, a Avenida 31 de Março de sua recém-restaurada Ponte dos Arcos. Uma data pra se esquecer.

Os maiores e os mais populosos

Em 1991 a URSS – União das Repúblicas Socialistas Soviéticas perdeu um naco de seu enorme território de cerca de 22 milhões de km². A parte desgarrada deu origem a 15 países, o maior deles a Ucrânia. Mesmo assim, a Rússia continua disparada o maior país do mundo com 17.100.000km², o que equivale a dois Brasis.

Os dez mais (milhões de km²)

1 – Rússia: 17.000; 2 – Canadá: 9.985; 3 – USA: 9.834; 4 – China: 9.597; 5 – Brasil: 8.516; 6 – Austrália: 7.692; 7 – Índia: 3.287; 8 – Argentina: 2.780; 9 – México: 1.973; 10 – Indonésia: 1.904.

Os 10 mais em população (em milhares de habitantes)

1 – China: 1.411.780; 2 – Índia: 1.380.004; 3 – USA: 330.449; 4 – Indonésia: 273.523; 5 – Paquistão: 220.892; 6 – Brasil: 213.317; 7 – Nigéria: 206.139. 8 – Bangladesh: 164.689; 9 – Rússia: 145.934; 10 – México: 128.932

Observações:

Nessa toada a Índia ultrapassará a China.

Que salto enorme do 1º e 2º, para o 3º. Pelo seu tamanho, a Rússia é pouco povoada.

Posso ver claramente o horizonte verde

JOSÉ ALAERCIO ZAMUNER

O ônibus parou na subidona dos Francos, para apanhar passageiros daquelas roças secas: unânimes secas, além até o mínimo, sem nenhum pé de milho, nenhum capim gordura para os bichos comerem; o moinho do Ricer calado faz tempo... Acelerador em ação, o ônibus roncou forte novamente, estrada de um asfalto tímido, beiras ainda no cascalho. Rooncou subida mais

uma vez, até o topo, depois, desceu o Morro do Café e seguiu rumo a Campinas. De lá, pra outros longes lugares. Rádio pipocando muitas canções... Jane-la aberta, bem aberta para entrar um último ar daquele chão, que vinha assim seco, calor em brasa, pesados rufos em remoinho sobem das barrocas, invadem e torcem e retorcem cortinas, trazendo pó pro interior do ônibus. Tudo posso ver e sentir, claramente. Ar quente e crispado na força de esgarçar pele e roupas da

gente, vistas nubladas... Calorão. E o motorista Batista lá na frente dizia: segure firme gente, que este ar quente há de passar e largar só nuvens suaves, com chuva para refrescar todo este mundão. Olhem lá longe, no fundo horizonte, das terras Cantare, posso ver, agora, claramente, nuvens de chuva já vêm vindo, e tudo, tudo vai mudar.

Posso ver claramente, agora, que a tempestade de vento seco vai passando, e logo vem chuva sobre a terra com céu azul para

nossas vidas. Veja que beleza, já posso ver claramente a vida saltitando esperança. Observe, habidosa, ela escapa dos obstáculos e monta palco saudável pra todos nós. Olhe, agora, pra frente, pra frente, mais chuvisqueiro vindo, já estamos quase chegando no centro da chuva, com dias claros, de sol bem leve sobre qualquer escuro. É sempre assim: vem chuva, vem sol, depois vem alimento para engordar esperança... Olhe, olhe, o horizonte azul entre chuva e raios de sol, posso ver

claramente um arco-iris... e potes de ouro!... Olhe em sua volta, somente céu azul se aproxima... e tudo, tudo vai dar certo, sempre com dias bem claros e cheios de vida, posso ver claramente.

E o ônibus dobrou curvas, atravessou retas, venceu topos, descidas íngremes, por entre tempos, firme, chegou, voltou, voltou novamente, sempre cortando estradas, vencendo secas terríveis, tempestades, o morrão de Lindoia, do Balneário... E o motorista Batista firme condu-

zindo seus passageiros a seus destinos...

Pode parar aqui, Batista, neste ponto dos Francos, cheguei de volta, depois de muitos anos

Quanto tempo faz?

Bem, uns... nem sei direito...

Enquanto viagem, no rádio, o tempo todo tocava aquela do Johnny Nash: “I can see clearly now the rain is gone”

Sempre assim, tudo, tudo vai dar certo, se não deu certo, é porque o ônibus do Batista ainda não chegou ao seu ponto. Aguarde.

EXPEDIENTE

ENTIDADE MANTENEDORA: Fundação Cultural Pascoal Andreta

Fundador – Antonio Marcello da Silva

Diretores – Antônio Marcello da Silva (1958-1962); Pascoal Andreta (1962-1972); Ugo Labegalini (1972-2012); Ivan Mariano Silva (2012 - 2020) e Alessandra Mariano (2020 -)

Conselho Administrativo – Bernardo de Oliveira Bernardi, José Cláudio Faraco e Alessandra Mariano Silva Martins.

Diagramação – Luis Tucci - MTb 18938/MG

Fotografia – José Cláudio Faraco

Direção financeira – Charles Cétolo

Secretário de Redação – Carlos Alberto Martins

Jornalista responsável – Simone Travagim Labegalini (MTb 3304 – PR)

Colaboradores – Alessandra Mariano, Arlindo Bellini, Aroldo Comune, Antonio Edmar Gureli, Antonio Marcello da Silva, Bernardo de Oliveira Bernardi, Bruno Labegalini, Eraldo Monteiro, Ismael Rieli, Ivan Mariano Silva, Jaime Gotardello, José Alaércio Zamuner, José Antonio Andreta, José Antonio Zechin, José Ayrton Labegalini, José Carlos Grossi, José Cláudio Faraco, Luis Augusto Tucci, Luiz Antonio Genghini, Luis Fraccaroli, Matheus Zucato Robert, Rodrigo Zucato, Tais Godoi Faraco, Zeza Amaral.

Colaborações ocasionais serão apreciadas pelo Conselho Administrativo do jornal que julgará a conveniência da sua publicação. O texto deverá vir assinado e acompanhado do RG, endereço e telefone do autor, para eventual contato. Cartas enviadas à redação, para que sejam publicadas, deverão seguir as mesmas normas. Toda matéria deverá ser enviada até o dia 20 do mês (se possível através de e-mail) data em que o jornal é fechado.

Redação: Rua Maurício Zucato, 115 – Fone (35) 3465-2467

Monte Sião fica no sul de Minas Gerais, na divisa com o estado de São Paulo. Pelo censo de 2010, conta com 20 870 habitantes. Sua área é de 292 km² e a altitude é de 850m. Monte-sionense é o gentílico para quem nasce em Monte Sião.

jornal.montesiao@fundacaopascalandreta.com.br

105 **vivo**
AUTO PEÇAS 9 9852 5105
3465 3105 - 3465 5105

MAZA **ALINHAMENTO E BALANCEAMENTO DE RODAS, ESCAPAMENTOS, AMORTECEDORES, BATERIAS**
PNEUS **RUA CELSO SEBASTIÃO SIMONETI, 38 (ANTIGO MATADOURO) 3465-5463**

MECÂNICA NETOS **Fone: (35) 3465 2772**
nacionais e importados nacionais e importados
Rua Jair Zucato, 136 - Centro (Praíinha)
Ernesto A. G. Bacellar Monte Sião - MG CEP 37580-000

DELTA FOTO **Material Escolar e para Escritório**
Suplementos para Informática
Cartuchos compatíveis e remanufaturados
Fotos 3 X 4 na hora
A MELHOR E MAIS BARATA REVELAÇÃO ANALÓGICA E DIGITAL 24 HORAS
35 3465-3124
Av. das Fontes, 136-C-Monte Sião

AGULHAS E ACESSÓRIOS PARA RETILÍNEAS
Representante Autorizada da marca KERN-LIEBERS
DERBY **(19) 3824.2499 (35) 99138.0307**
Av. Monte Sião, 925 Bela Vista Águas de Lindoia/SP
Trabalhamos com remalhadeiras “Complett” novas e usadas

DROGARIAS ULTRA POPULAR
Rua Presidente Tancredo Neves, 373 - Centro (em frente ao Itai) (35) 3465-1120 / 3465-5633 Monte Sião/MG
Rua Argentina, 19 - Centro (no Baixo) (19) 3924-1196 Águas de Lindoia/SP

dynamise
Farmácia de Manipulação e Produtos Naturais
(35) 3465 2060 (35) 98815 2060
Rua Abílio Zucato | 274 | Monte Sião | MG
dynamisemanipulacao dynamise Farmácia de Manipulação dynamisemanipulacao.com.br

Programe sua festa - nós temos o local!
RESTAURANTE DA LICINHA
Espaço para 250 pessoas
Km 6 da Rod. M.Sião - O.Fino -(35)3465 1355 - 9 9114 9447

O FILME QUE SILENCIOU O CINE BRASIL DE MONTE SIÃO!

J. CLAUDIO FARACO

Era domingo, exatamente o dia 20 de Junho de 1965, época na qual ainda saboreávamos o privilégio de haver cinema na cidade, pois ele sempre foi uma atração imperdível e até hoje lamentamos tristemente a falta dele.

Filme em cartaz: “O Tigre da Índia”, luxuosa produção alemã em cinemascopo e ótima fotografia colorida sob a direção do austríaco Fritz Lang, à época radicado nos EUA, tentando sua nova vida profissional. Atenção para a data da produção do filme: 1959!

Bom lembrar que o filme se dividia em duas partes. A primeira, cujo nome já citei acima e a segunda e última parte intitulada: “O Sepulcro Indiano”, programada para ser exibida no dia 27 de Junho de 1965, também num domingo.

Os atores eram desconhecidos, menos a atriz principal, a lindíssima morena americana Debra Paget (lê-se Debra Pêige), que encantou muitos jovens e até mesmo os mais velhos com sua perfeição física e sensualidade. O Diretor austríaco Fritz Lang, estava tentando carreira nos EUA, onde acabou fazendo muito sucesso. O filme em questão, aqui analisado, não era nenhuma obra-prima, mas deixou traços marcantes protagonizados pela belíssima Debra Paget. Leia a seguir...

Durante a exibição dos filmes, como acontecia em quase todos os cinemas, era comum conversas cochichadas, juras de amor entre namorados e piadinhas, situação na qual o proprietário, o amigo Cid Gotardello (em memória), precisava entrar em ação e solicitar silêncio e respeito. Porém, naquele dia, algo inusitado iria acontecer.

A atriz acima citada no filme “O Sepulcro Indiano”, representava uma dançarina de nome Seetha, e seu namorado,

o ator Paul Hubschmid, fazia o papel do arquiteto Berger. O namoro de ambos provocava enorme ira e inveja no poderoso Marajá “Maharadjaj” o dono do Poder naquela época, e também loucamente apaixonado pela dançarina – “aliás como também nós” - porém ela o ignorava insistentemente. Ferido pela recusa de Seetha e pela fuga do casal, Maharadjaj envia seus soldados para captura-los. Presos, ela é obrigada a provar sua inocência ou culpabilidade. Na crença indiana, a prova seria dançar frente a uma perigosíssima cobra naja cujo veneno é mortal. Se ela fosse picada, certamente morreria, e ainda seria considerada culpada. Se não fosse picada, sua inocência estaria comprovada. Desta forma, nem mesmo o Marajá poderia fazer mais nada contra ela.

Pois bem, coberta por um manto azul, Seetha desce as escadas de um templo para realizar a perigosa dança. Séria, linda e compenetrada, ela avança vagorosamente pelo salão repleto de sacerdotes e pessoas comuns que iriam apreciar o desafio. Um sacerdote a conduz para o local exato da dança, bem em frente onde repousava o perigoso animal. Ela então para, olha atentamente para o chão e ao ver o animal já se contorcendo, horrorizada, expande seus belos olhos verdes resplandescentes na grande tela. Sem alternativa ela se afasta alguns passos, faz um sutil movimento do corpo como uma leve brisa de verão e despe-se da manta. Surge então aquele corpo escultural coberto apenas com os indispensáveis tapas-sexo. A imagem fortíssima explode na tela e abala as estruturas do cinema, calando totalmente sua platéia, impondo um silêncio rigoroso e jamais visto. A beleza surreal da atriz — embora já naquela época — rondando os 50 anos de idade — deixa a todos petrificados. Ela é perfeita e dança com a le-

veza de uma pluma, chegando agora bem próxima ao animal. Este, sempre ameaçador, meio corpo erguido, a cabeça inflada pelos lados como duas barbata-nas, a boca aberta, ameaçadora, e a língua bifurcada procurando sinais da vítima. E o cinema permanece mudo como se ali não houvesse uma única alma viva. A dança continua e todos os olhares continuam firmes na beleza daquela mulher que chega a ficar bem próxima à cobra, mas nada lhe acontece. E assim termina a dança. Os sacerdotes se reúnem e declaram que Seetha não foi atacada, portanto, venceu o desafio e foi declarada inocente pelos deuses. Pode até parecer pouca coisa, mas que os espectadores permaneceram ainda totalmente calados, isso realmente foi um fato inusitado.

Ao deixarmos o cinema, plenamente encantados, eu e mais um grupo de amigos, sempre fazíamos uma parada no jardim, sob o caramanchão, para pitar um cigarinho e tecer comentários sobre os filmes. Todos estavam boquiabertos com a beleza da atriz. Entretanto, um amigo (não devo revelar sua identidade para evitar constrangimentos), fez um comentário incorreto:

— Vocês são bobos? Não perceberam a cordinha que estava amarrada no pescoço da cobra fazendo-a subir ou descer o corpo?

Risos em geral e alguém retrucou:

— Bom, acho que o bobo era você mesmo, porque todos estavam de olho na beleza da dançarina e ninguém se importou em ficar olhando para a cobra, só você!

Após muitos risos e gozações sobre o comentarista fracassado, este não teve dúvidas e deu no pé!

E assim se foi mais um domingo, com um belo e inesquecível filme.

Quanto a mim, assolado

que fui, implacavelmente, até os meus trinta anos por uma timidez fortíssima, como única defesa disponível, desenvolvi uma paixão secreta pelas Deusas do cinema, mesmo porque cinema e viagens sempre foram e ainda são minhas preferências. No idílico cinema, temos a já comentada Debra Paget (Outros filmes: “Demetrius e os Gladiadores”; “Os Dez Mandamentos”); além de várias outras divas do cinema, como Kim Novak (No belíssimo “Melodia Imortal”; “Um Corpo que Cai” e outros); Marilyn Monroe (“Quanto mais Quente Melhor”; “Os Desajustados”; “O Pecado Mora ao Lado”); filme este com uma das mais célebres cenas da grande Diva: aquela em que sua saia se levanta sob um providencial vento do metrô!); Carrol Baker, a lourinha arrasadora de (“Assim Caminha a Humanidade”; e “Da Terra Nascem os Homens”); Gina Lollobrigida, brilhante no filme “Trapézio”, quando foi intensamente disputada por duas lendas do cinema: Burt Lancaster e Tony Curtis; à época, Lollobrigida era considerada a Mulher Mais Bela do Mundo. Ela também estrelou o filme “O Corcunda de Notre Dame”), ou como eu tentei dizer um dia, língua enrolada e pastosa, após ingerir muitos vinhos com amigos na casa do Seu Lola. Disse eu: o nome do filme era: “O Cordame de Notre Cunda” – ahahaha! Risos em geral); Jennifer Lopez, a morena de puro sangue quente e que incendeia as telas: cantora, compositora, dançarina e atriz de origem porto-riquenha (filmes: “Anaconda”; “O Casamento dos Meus Sonhos”); Salma Hayek: a belíssima e fatal mexicana de “Um Drink no Inferno”, do excelente Robert Rodrigues com apoio do não menos excelente amigo Quentin Tarantino; Hayeck, também estava sensualíssima, de arrega-

lar os olhos e que nos fez morrer de inveja de seu companheiro Antônio Banderas, em seus namoros quantíssimos no filme: “A Balada do Pistoleiro”, filme este novamente sob as tutelas da dupla Robert Rodrigues e Tarantino. Natalie Wood, morena que conquistou a todos pela beleza e simpatia, pelo menos até 29/11/1981, quando veio a trágica notícia de sua morte, aos 43 anos, num acidente de barco, caso ainda não totalmente esclarecido até hoje se foi acidente ou não. À época, ela era esposa do galã Robert Wagner, num casamento bastante tumultuado, pois a masculinidade e beleza do marido eram bastante disputadas por todas as atrizes. (Filmes: “Clamor do Sexo”, de Elia Kazan retratando uma época em que os jovens americanos eram duramente reprimidos por uma sociedade moralista e repressora, e o excelente “Rastros de Ódio”, um épico do cinema sob a batuta do mestre diretor John Ford). Mas não posso deixar de fora a mais sensacional, imprevisível e sedutora cruzadas de pernas da história do Cinema: cena esta protagonizada por ninguém menos do que a exuberante Sharon Stone, no filme “Instinto Selvagem”. Quem viu, certamente ficou paralisado, assim como todos os atores que estavam de frente a ela na cena fatal. Ficou bem claro que nem mesmo o ator principal Michael Douglas – em cenas quantíssimas com Stone

durante todo o filme e seus colegas de profissão — sabiam da surpresa que o diretor Paul Verhoeven guardou em total segredo. A cena em questão era daquelas capazes de derrubar gato de cima do muro! Uma loucura...

Na época, eu sonhava ir pra Hollywood, evidentemente não como ator, pois nunca pensei nisso. Queria ser um ajudante de Estúdio, trabalhando nas arrematadas dos cenários para a execução dos filmes. Mas meu sonho parou por aí mesmo.

Entretanto, pela graça Divina, tudo e todas concorreram significativamente para contribuir pelo meu amor à magia do Cinema e suas Estrelas! Somente assim foi possível, depois de uma luta desigual que durou nada menos do que trinta anos de batalha, sozinho, sem nenhum aconselhamento e sem ter a mínima noção de como lidar com aquela brutalidade representada por uma timidez excessiva. Finalmente, o cinema e suas divas contribuíram para que eu vencesse! Foi pura paixão platônica? Claro que sim, mas o importante é que eu consegui realmente superar aquilo que me bloqueava insistentemente, como fosse ela uma censura violenta e ditatorial, ou seja, a timidez que me matava dia após dia de muito choro e desesperança!

The End.

Darei tua carne às aves do céu e às feras do campo

MATHEUS ZUCATO

Bastava apenas dobrar a esquina para então contemplar a multidão que ria do rapaz no centro do círculo. Aquele excêntrico ser que afirmava, com todas as letras, haver sobrevivido à própria morte. Em verdade, o rapaz vestido em trapos opacos, de pés nus no chão quente da cidade, o cabelo um tanto quanto sujo de areia, afirmava ser um falho executor do próprio suicídio e, portanto, bradava sua derrota com as glórias de um campeão renascido.

Aproximavam-se daquela história que muito interessava, se não pela sua veracidade contestável, pela distração de um absurdo cômico. Tiveram de disputar espaço entre si, pois a aglomeração aumentava a cada minuto que passava. O homem, cujas imundas mãos evocavam os céus, sustentava, num estado de constante aguardar, os interlocutores daquele seu brado retumbante. Em seus olhos, podiam ver, cintilava a brasa da exatidão.

É claro que foi alvo unânime da pulha. Nem um só, dentre a enorme multidão que o assistia, deu crédito

na alogia de seu relato. Pediam provas, explicações; uns pediam o fim do espetáculo ridículo; houve os que rezaram pedindo punição para tamanho sacrilégio. Contudo, sob todas as vozes, ele se limitava a repetir o mesmo canto maravilhoso que declarava de seu suicídio o preâmbulo de um resplendor.

Foi nesse momento, sob o alarde do público, que, não se sabia dizer quem começou o que, mas o rapaz passou a ficar cada vez menor. E, à medida que declarava seu fracassado triunfo, o público se tornava assombroso colosso para a pequenina figura de viva sujeira. Terminou seu decréscimo no tamanho de um pavão, e, ao olharem ao redor, perceberam que as casas, os bancos da praça, as árvores e os cães de rua continuavam do mesmo tamanho original. Uma senhora gritou que a mentira diminuiria o rapaz à escala de um pavão, e que se não domasse a língua, ela não respondia por si mesma caso fizesse dele ensopado. “Veja, algumas cenouras, e pronto!”.

Os que ainda tinham em si certo grau de incerteza

quanto à fábula do rapaz, ao contemplarem sua infeliz dimensão livraram gritos de escárnio e nada tardaram em apontar seus grossos e enormes dedos na direção do diminuto sujeito que continuava a evocar os céus numa voz quase inaudível. Num contínuo tom de expectativa, não temia os gigantes que ameaçavam, a qualquer momento, pisoteá-lo, caso se mantivesse fiel à sua corrupta fantasia. O dia fluiu, o céu pareceu emudecer-se numa grossa camada de nuvens turvas. Tons de chumbo intensificaram-se no alto, e o silêncio tomou conta da população espantada com o pequenino ser que, de súbito, alterou seu até então constante discurso eufórico por clamores de súplica. E foi então que choveram as pedras.

Maçãs e pesadas pedras do tamanho de maçãs vazaram das afrontosas nuvens penduradas no céu. Mortais, as rochas atingiram os desconhecidos cidadãos, que corriam para todos os lados como baratas sob o expurgo do veneno. Caíram aos montes, tropeçando em si próprios, formando amontoados de

corpos que dominaram a paisagem. Carros, casas, jardins e pessoas: não houve o que se conservou naquele incidente. Os latidos, abafados pelo ensurdecedor arrebentar de pedras em vidros, metais, asfalto e carne, mal podiam ser ouvidos. Os cães que se salvaram, esconderam-se onde encaixaram. Os gritos das pessoas competiam com todo aquele alarido que diminuía gradativamente sua intensidade. Houve quem correu para os prédios e casas somente para ter sobre si o peso do telhado desmoronado. Que grotesca cena se fez naquela cidade até então ensolarada pela inocência incompreensiva.

A chuva cessou e o depuro da cidade concluiu-se. As nuvens se fizeram brancas e as aves já cantavam os sons do amanhã. Não restou palavra quando o sol retornou, alaranjado, e expôs o rubro mar de pedra e ossos que cobria a beleza da pequena praça central. Num banco de madeira partido ao meio, sentava-se o homem que acariciava com imaculadas mãos um desmedrado cão de rua.



Acesse nosso jornal também pela internet:

www.fundacaopascoalandreta.com.br

Supermercado e Casa de Carnes

Oliveira

A melhor carne da região!

Pça. Renato Franco Bueno, 80 - Centro - Monte Sião - MG - Cep 37580-000

(35) 3465 1817 / 3465 2109

SUPERMERCADO SHIMODA

Onde seu dinheiro compra mais

Avenida Brasil, 205 - Fone 35 3465-1300
Rua Tancredo Neves, 300 - Fone 35 3465-1175
Monte Sião - Minas Gerais

Sebo do Ismael

Livros, revistas, LPs, CDs, DVDs, VHS, Fitas K7, Aparelhos eletrônicos, Antiquário

Praça Cavalinho Branco - 410 - Águas de Lindoia - SP
Telefone: (19) 3824-1507
WhatsApp: (19) 99343-9180

A melhor internet do Circuito das Águas Paulista

TELESON TELECOM

Águas de Lindoia: (19) 3824-3671
Monte Sião: (35) 3465-4963
WhatsApp: (19) 99773-1001

MEMÓRIAS DE PAOLO PANCIOLI - 8

A perspectiva de um longo inverno fechado entre quatro paredes da classe ou de casa era deprimente. Com o frio, as aulas de educação física eram dadas frequentemente em ambiente fechado. Quando o tempo permitia, jogávamos um pouco de futebol. Porém, o exercício físico mais eficiente eu praticava no porão onde, ou com o Piero ou com o Decio, serrava ou rachava a lenha para a lareira. Decio era um velho funcionário de papai, quase cego, que fazia os poucos trabalhos que a sua

cegueira permitia, como ajudarme a serrar a lenha. Papai havia comprado uma boa quantidade de troncos provenientes dos bosques das montanhas próximas, onde haviam acontecido batalhas e combates violentos durante a guerra e nós devíamos cortá-los nas dimensões adequadas para o uso. Num momento do trabalho, um ruído estridente e uma certa vibração nos interrompeu, e Decio perguntou o que tinha acontecido. A lâmina da serra estava enfiada profundamente no tronco e não era possível descobrir a ra-

zão, mas pelo barulho e origem da madeira imaginei que fosse “uma scheggia” enfiada no tronco. Então não é nada, ele me respondeu voltando a serrar. Ele era naturalmente uma pessoa muito mais experiente que eu e eu não tinha pensado que “scheggia” na língua italiana significa tanto lasca de madeira, como um estilhaço de um projétil, e eu pensava que a serra pudesse cortar tanto madeira como metal. Naturalmente, depois de outros dois ou três movimentos alternados, o atrito com o ferro se tornou evi-

dente e Decio parou novamente perguntando que “scheggia”?? “Scheggia” de um canhão, disse eu. Ficou surpreso e chocado. Superamos o mal entendido aafiando novamente a lâmina da serra.

Os Natais do pós-guerra praticamente desapareceram da minha memória e eu não saberia o porquê. Não lembro mais de nenhum desses momentos que foram assim marcantes na minha primeira infância, quando o misticismo e a magia da natalidade deixavam no meu coração

marcas profundas. Mas de alguma maneira esse Natal também passou. Também não saberia dizer se fizemos o presépio, mas lembro que, com a ajuda do Tio Nardino, aprendi a produzir estatuetas de gesso para a manjedoura. Nardino havia trabalhado por um tempo na empresa de artefatos de cimento e gesso que o papai teve em Fornaci e se mostrou um bom professor. Para mim, foi um período de fervor produtivo em geral e com a ajuda de um amigo electricista, me dediquei na construção de aquecedores elétri-

cos. Fazia muito frio e o estímulo era natural. Cheguei a construir um elemento refratário com uma resistência elétrica para substituir os “scaldini”. Estes eram uns pequenos braseiros, que desde os tempos dos romanos, eram usados pendurados em uma estrutura de madeira e colocados sob os cobertores para aquecer a cama. Tive que abandonar o sonho de ser um futuro “Marconi” devido ao risco de incêndio. Foi uma pena.

JAIME GOTTARDELLO

Uma das definições do que é política diz que é o processo pelo qual grupos de pessoas tomam decisões. Estamos acostumados a pensar que essa definição é apenas para governos civis instituídos. Não é verdade. A política se faz presente em todas as interações de grupos humanos, seja instituições corporativas, acadêmicas ou religiosas. Nada mais é que relações so-

ciais envolvendo autoridade ou poder. Isso ocorre desde que o homem deixou de ser caçador/coletor e teve início a revolução agrícola, há cerca de 10000 anos. A partir dessas sociedades agrícolas, iniciam-se as relações na forma de religião, surgem os líderes tribais, os mais fortes detêm as posses de terra e animais etc. E assim nascem as relações políticas e de poder.

O poder político é normalmente obtido e mantido em um conflito direto entre rivais.

MATHEUS ZUCATO

Ia ao ar, naquela época, programa muito assistido, principalmente pelo caráter do tumulto social e familiar que proporcionava aos telespectadores. A plateia, um catalisador daquilo tudo, era ávida pelas mais corpulentas intrigas, pelas reviravoltas, pelos queixos caídos, pois, quanto mais quente o estouro, maior o impacto dentro de um cárcere vazio. E a alma de uma plateia é como uma onda que vai e vem e carrega, na ida, o entusiasmo da difamação, enquanto, no retorno, consigo leva o engajamento do espírito, deixando marcada a areia com o tédio da devassidão.

Naquele dia, o endividado pai havia conseguido lugar na participação do programa “Revelações”. Era clara a ideia: ele, encarcerado numa cabine à prova de som, deveria responder de maneira clara às diversas perguntas que surgissem do apresentador do programa, quando lhe fosse liberado o som no seu casulo. O outro participante, concorrente, ficava ao lado de fora da cabine e tentava acertar quais seriam as respostas do enclausurado. Cada acerto lhe valia trinta mil cruzeiros, enquanto cada erro dava ao adversário este montante.

EM CASA.

A família assistia à participação do pai no famoso programa e, entusiasmada, torcia para que

ele faturasse a maior fortuna possível. Pensavam, os menores, nos presentes, enquanto a mulher considerava somente as dívidas e a despesa. Cansada de sopa de arroz e maiseira; com três filhos em casa, difícil. Faltava a carne, além de tudo. A menina, a mais velha, nos seus oito anos, já entendia, e torcia como a mãe. Mas havia ainda um lado resguardado da matriarca que se entusiasmava com o programa, não pela fortuna, não pela fama na vizinhança, não pelas oportunidades a partir dali, nem pelo fim das dívidas ou pela despesa cheia; havia em seu recôndito uma ansiedade pela descoberta daquele que sabia ser o seu marido, que sabia ter estudado quase nada, que sabia estar se endividado e que botava comida em casa, que sabia reproduzir-se, ser filho de um beberrão já enterrado, que sabia ser operário que jogava e que bebia, que batia a noite e se arrependia de dia, bem de manhã, quando saía muito cedo e, à noite, retornava um cão raivoso. Em suma, havia nela certa emoção por descobrir no programa o homem que era o distante e indiferente marido, além do próprio marido em si. Seus olhos permaneciam como o das crianças, vidrados na tela em frente de si.

NO PROGRAMA.

[O apresentador]: (...) queriiiiida plateia, sem mais delongas, pois a noite é currtrta e o dia

Política e Poder

Os opositores políticos devem ser derrotados nas urnas ou nas câmaras legislativas. Nunca na mídia ou nas ruas, onde confrontos não democráticos ocorrem.

Infelizmente, nesses nossos tempos, somos vítimas dos próprios instrumentos que mais valorizamos. Todo poder conquistado, todo suposto domínio sobre as forças da natureza e todo conhecimento científico adquirido provaram ser potencialmente perigosos. Porque tudo isso deveria

vir acompanhado por ganhos iguais de compreender as imperfeições do poder. Porém, o conhecimento científico muitas vezes é usado para obter mais poder com a invenção de novas armas de destruição em massa. O falso domínio sobre as forças da natureza cada vez mais leva a catástrofes ambientais com mortes e deslocamentos de populações inteiras.

A política, aqui no Brasil e mundo afora, anda bem turbulenta e sem a exata noção do

Revelações

amanhã é longo. Agora vocês já conhecem nossos participantes: o Carlinhos, nosso enclausurado, lá dentro do cubículo, isolado do mundo. Vamos mandar um último alô para ele antes do início. (Ô produção, libera o som no cubículo). Alôôôô Carlinhos, preparado? Uma salva de palmas! Ok! Aqui do lado de fora, temos ele, o Gilllllllberto, que não vai dar mole pro Carlinhos, né Gilberto? Uma salva de palmas para ele também!

Plateia aplaude.

[O apresentador]: Respeitável audiência, aumente o som da sua TV, pois agora a chapa esquenta e nós vamos aquecer os bolsos de alguém! Eeeessstá no ar: Re-ve-la-ções!!

Plateia aplaude. Diversas perguntas simples são feitas, e o placar fica praticamente empatado. O programa segue, então, para a segunda rodada.

[O apresentador]: Vamos apertar um pouco as perguntas, sim! Vamos testar a capacidade de leitura pessoal do nosso amigo Gilberto. A pergunta, Gilberto, é: o Carlinhos já quebrou alguma parte do corpo?

Plateia grita opiniões entre “sim” e “não”.

[Gilberto]: Não!

[O apresentador]: (Produção, libera pra mim). Alô Carlinhos, a pergunta é se você já quebrou alguma parte do corpo. Vale pé, braço, dedo ou qualquer coisa!

[Carlinhos]: Sim! O braço! Quando era criança eu caí da árvore!

Plateia grita comemorações entre “eu sabia” e “eu avisei”. Demais perguntas são feitas, e possuem ainda um grau médio de intensidade, mas que continuam entusiasmando plateia e a esposa.

EM CASA.

Esposa que, apesar de lamentar ter conhecido tudo aquilo através de um programa de televisão, se divertia muito com aquelas novidades todas. Era um mar de novas informações que tentava anotar mentalmente para conversar com o marido quando ele voltasse, mais tarde, na garantia de ele deu de que não passaria no bar. Ela, enérgica, queria saber das namoradinhas da infância; queria saber do emprego que certa vez perdeu; do braço quebrado; de como colava nas provas da escola e de quando foi apanhado e, em casa, levou surra do pai.

NO PROGRAMA.

Plateia eufórica, pois terminara a segunda rodada e iniciava a rodada mais aguardada pelo público, pelo apresentador, pelos telespectadores e pelos participantes, uma vez que as perguntas agora valiam cem mil cruzeiros cada.

[O apresentador]: (...) iniciar, portanto, a terceira e última rodada, tão aguardada pelos nosso

público! Vamos a-pi-men-tar o caldo! Eessstá no ar a primeira pergunta: o Carlinhos já surrou alguém?

Plateia grita indecisão.

[Gilberto]: Sim!

O apresentador repete a pergunta a Carlinhos.

[Carlinhos]: Sim!

Plateia comemora.

[O apresentador]: (...) continuar com a próxima pergunta para nosso participante de fora: Gilberto, o Carlinhos já roubou? Vale desde ter roubado uma bala de um colega, até um banco!

Plateia ri, mas em seguida, aquieta-se, poucas opiniões são gritadas.

[Gilberto]: Sim!

O apresentador dirige-se a Carlinhos.

[Carlinhos]: Não! Pelo amor de Deus!

Plateia suspira em alívio, como fossem todos eles o próprio Carlinhos em juízo público.

[O apresentador]: Agora chegamos no momento crítico, senhoras e senhores. Estes dois adversários se digladiaram aqui muito firmemente, e merecem reconhecimento! Uma salva de palmas! É isso aí! Mas tudo o que é bom acaba rápido, e preciso chamar agora a última pergunta. Pela tensão de vocês, percebo que já entenderam bem: é a pergunta-prêmio! No valor de duzentos mil cruzeiros, rufem os tambores e roam suas unhas,

perigoso e quando mortos é covardia.

Como já disse um “bárbaro” viking há 1200 anos, o poder é sempre perigoso. Atrai os piores e corrompe os melhores. O poder só é dado àqueles que estão preparados para se rebaixar para pegá-lo. Não deveria ser assim...

enxuuuuguem o suor da testa e abram bem os ouvidos: Gilberto, o povo todo quer saber... quer saber se o Carlinhos já traiu a esposa!

Plateia em profundo silêncio. Sente-se o denso ar do auditório penetrar inúmeros pulmões como fosse algodão. Gilberto pensa muito, fita bem o recluso Carlinhos, repara em sua índole, em seu caráter, repassa na mente todas as perguntas e respostas até então. Olha para seu placar com um certo desânimo, e enxuga o suor na testa, pois só lhe resta, agora, o último esforço de duzentos mil cruzeiros que lhe seriam muito bem-vindos. Ele se decide.

[Gilberto]: Não!

EM CASA.

Após o programa, mãe termina de pôr nas camas as crianças já adormecidas e vai até a sala. Seus dedos vacilam entre o desligar ou não da TV, pois ela espera se encontrar, ainda acordada, com o marido. Repassa todo o programa na mente e sente que agora conhece amplamente o pai de seus filhos. Ela suspira, muda de canal e se senta no sofá.

POR UM ERRO DA REDAÇÃO, DEIXAMOS DE PUBLICAR O TEXTO DO MATHEUS NO MÊS DE MARÇO. ASSIM, NESSE MÊS TEMOS AS PUBLICAÇÕES DE MARÇO E ABRIL.

MÁRIO AUGUSTO POCAI

Imagine você numa praça tipo a parte de baixo da praça Mário Zucato os meninos/jovens rodando no sentido anti-horário e no sentido horário as meninas/jovens, se vendo duas vezes a cada volta, com o coração batendo forte e com o pensamento longe “será que vou conseguir, quando, onde?”. Depois de muitas voltas de paquera, depois de vários dias e com o apoio dos amigos, surge uma oportunidade para conversar com o ou a paquera numa festinha ou mesmo na praça e com o coração explodindo, um encontro é marcado. Pronto, depois de

meses, às vezes anos, a paquera se transformava em namoro e, com isso, a sementinha do amor/árvore estava plantada de uma forma muito robusta, permitindo o crescimento de uma planta maravilhosa. Quando acontecia o primeiro abraço, o primeiro beijo, o amor explodia e se materializa numa vontade enorme de anunciar ao mundo, que a vida é bela. Isso existiu e não há muito tempo, não sei como e quando terminou, mas infelizmente terminou.

Hoje existe o tal de “ficar”, primeiro um experimenta o outro, muitas vezes com bebida e até drogas, antes de “namorar”, pois a paquera não existe mais, o sexo frá-

gil a assassinou. O “ficar”, que deveria ser o telhado do relacionamento, passou a ser a base. Hoje “a pressa” inibe o tão necessário “ando devagar”. Imagine quantos traumas, medos, sofrimentos este “ficar” provoca e deixa marcas para a vida toda. Repito, o sexo frágil assassinou a paquera, tão necessária para um relacionamento amoroso. O certo, a paquera, é trocada pelo duvidoso, o sexo.

Atualmente:

. Quem ama é otário. O importante é quantos beijos foram conseguidos em um determinado evento e com pesos diferentes.

. A fidelidade é sinal de fraqueza. A traição é exaltada.

. Prova de amor foi esquecida.

. Serenatas há muito não existem.

. E outras ações amorosas sumiram do nosso vocabulário.

. O uso de redes sociais é destinado a exibir uma falsa e contínua felicidade e todos sabemos que a vida não é assim. No fundo sabemos o tamanho dos desertos em que se transformaram nossos corações, sendo que a depressão e outras doenças mentais passaram a ser corriqueiras na vida do ser humano.

Mas existe esperança. Alguns casais, poucos, ainda se paqueram antes de iniciar um relacionamento amoroso mais

consistente, alguns pais dão exemplo de amor conjugal aos filhos e, também, impõem limites a eles. Essa esperança, se concretizada, tornará o relacionamento mais forte, trará felicidade, fomentará o amor entre eles e, como consequência, o coração pulsará mais forte. Haverá chuvas de bênçãos para o casal e, portanto, o amor florirá.

Como conseguir isso nos dias de hoje? É difícil, mas não impossível, tanto que ainda existem casais que se amam, trocam carícias, se respeitam, são companheiros. E isso só depende de nós mesmos, pois somos nós que decidimos o caminho a trilhar e Deus nos capacita para o que

for necessário, desde que nos entreguemos a Ele.

P.S.: utilizei algumas partes da música “Ando devagar porque já tive pressa” neste artigo.

AS GUERRAS NO CINEMA

JOSÉ ANTONIO ZECHIN

Era 21 de março de 1945. A Segunda Guerra Mundial estava próxima do fim, mas não das tragédias humanas. Muitas guerras viriam depois. Como essa entre Rússia e Ucrânia, além de outras que a mídia nem notícia de tão desinteressantes. Quase ninguém nem fica sabendo, apesar de o sofrimento ser o mesmo. Naquele dia cinzento, a Força Aérea Britânica partiu de sua base com a missão de bombardear a sede da Gestapo (a polícia especial de Hitler), em Copenhague, capital da Dinamarca, com 18 aviões escoltados por 30 caças. Foi uma catástrofe. Por falhas de comunicação, algumas aeronaves atingiram acidentalmente uma escola

cheia de crianças. Morreram mais de uma centena de civis, sendo 86 alunos da escola religiosa francesa Joana d'Arc.

Esse fato histórico foi transformado num filme que você pode ver na Netflix, O Bombardeio (The Bombardment / The Shadow In My Eye). A película é comovente. Por várias vezes meus olhos se encheram de lágrimas diante das cenas dramáticas das crianças assustadas e indefesas tentando se proteger. Nada muito diferente do que a televisão tem mostrado diariamente no flagelo da Ucrânia, com pessoas desesperadas tentando fugir do país. Entenda a raiz da palavra: "desesperar" significa "não esperar mais". Desistir.

E aqui faço uma consideração para sua reflexão. Eu já sabia que seria as-

sim. Quando ocorre uma tragédia, de qualquer tipo, em qualquer parte do mundo, de início as pessoas ficam chocadas com o fato. A televisão é impiedosa em mostrar as fatalidades. Nós ficamos do outro lado da telinha apenas assistindo, sem ter o que fazer. Claro, alguns vão rezar, outros vão enviar ajuda humanitária, e o tempo vai passando. Não demora muito para as pessoas "ficarem cansadas" de ver "aquilo" todos os dias. Logo vem a apatia e depois o desinteresse. Vira uma rotina.

A vida humana se passa mesmo nos palcos desse misterioso planeta azul perdido no universo imensurável que ninguém sabe de onde veio e nem para onde vai. Um minúsculo pontinho que se pretende a referência mais importante da Criação.

Nosso papel é quase sempre ridículo. E dura muito pouco tempo. Ainda bem. Somos uma mísera fagulha diante da eternidade. A maioria nem sabe disso. Enfim, se você já se cansou dessa briguinha no Leste Europeu desde 24 de fevereiro, sem data para terminar, vá assistir um filminho. De guerra. Parece tudo de mentirinha. E a ficção parece sempre emocionar mais que a realidade. Pobre raça humana.

Caridade para o fim do mundo

VALDO RESENDE

Começar o dia falando em final dos tempos! Difícil fugir de qualquer tema quando se encontra nas imediações do prédio D. Jovelina, a simpática senhorinha do quarto andar.

Mais complicado ficar longe quando é ela a acionar a campainha do meu apartamento.

Como a vizinhança sabe que "trabalho com internet", e que a "internet sabe tudo", D. Jovelina veio confirmar quando será o fim do mundo. Acariciando-me e conduzindo minha mão ao mouse ela insistia:

- Procura aí, querido! Vi na televisão. Veja a data, por favor!

Jovelina foi jovem lá pelos anos de 1970 e por ora insiste em que eu a chame Lina... Um sexto sentido faz com que eu insista no Dona. D. Lina! A mulher esconde a idade e, enganando-se, pensa ludibriar o tempo e a vizinhança. Antes afirmava ter 55 anos, mantendo tal número por muito tempo. Um dia, no elevador, informei a ela que já estava mais nova que eu. Fechou o semblante, ofendida. Semanas depois informou nova idade ao porteiro, alterando a voz na medida em que eu me aproximava. Aumentou para 58.

- Para que saber a data do fim do mundo, D. Jovelina?

A resposta foi rápida e óbvia enquanto retirava da bolsa uma longa lista e uma caneta.

- Quero fazer um monte de coisas antes de morrer!

Perguntei, já abrindo o computador, sabendo que não me livraria da urgente solicitação de minha vizinha.

- E se a senhora morrer antes do final do mundo?

- Que brincadeira sem graça, querido!

Ela subiu a mão pelo meu braço e, descendo, voltou a acariciar meus dedos, empurrando-os para o cursor. Resolvi continuar com a brincadeira "sem graça":

- Uai, D. Jovelina, ao que diz aqui, o evento será em breve. Eita! Está previsto para depois de amanhã!

- Valha-me, Deus! Mesmo? Não terei tempo nem mesmo de ir a Aparecida do Norte.

Tem certeza, querido? Meu coração está disparado, preciso de água. Você tem remédio para pressão? Se vou morrer depois de amanhã, esqueça a água! Você pode me oferecer um co-nhaque!

- É sério, Dona Jovelina. Há um grande e terrível terremoto previsto! Estou vendo mais uma confirmação aqui, feita por um sábio medieval! E aquela astróloga famosa, que previu uma das separações da Gret-

chen, também diz que o fim do planeta é resultado da junção de Netuno e Plutão.

O poder da palavra escrita, do meio de comunicação e de alguém, no caso eu mesmo, forçando uma credibilidade ao assunto. De repente, D. Jovelina aproximou-se dos 80 anos, ou de algo que pareça com sua idade real. Uma velhinha com medo de morrer!

Por alguns instantes seus olhos brilharam de uma forma diferente e a maneira com que apertou minha mão estava longe dos arremedos cariciosos anteriores.

A primeira vez que D. Jovelina havia apertado a campainha do meu apartamento queria saber de remédio para pressão. Tinha receio que a entrega demorada solicitada à farmácia pudesse contribuir para que ficasse pior. Ofereci água e conversei com ela até que o entregador trouxe o remédio. Agora, perante o lero-lero de um apocalipse, percebi a idiotice da minha brincadeira, correndo o risco de ter uma enfartada em casa por conta do final do mundo. Resolvi livrar minha barra da mentira boba.

- Espera, D. Jovelina, tenha calma. Vamos ver sites mais sérios, com gente mais responsável. Só um minuto. Enquanto vejo, respire fundo, fique tranquila. Olha, neste aqui, há um texto de uma freira católica. Parece que pode ser mentira que seja para depois de amanhã. Fique calma!

Desacelerando a respiração, buscando tranquilizar-se a mulher continuou:

- Freira católica? Você está brincando comigo, meu bem? O que diz aí, meu querido?

Você pode me dizer. Não vejo bem sem meus óculos; pode ler, por favor!

A iminência da morte geral tomara a mulher quase pegajosa. Tirando minha mão, sempre acariciada pela vizinha, apontei para o leque de opções sobre o fim da vida, do planeta... Cada coisa! Tempestades cósmicas, asteroides e cometas vindo em nossa direção, ETs inimigos, inversão dos polos segundo uma estudiosa russa e uma infirmitude de outras possibilidades que estariam na Bíblia, escritos indianos, pinturas rupestres, passando pelos Maias, as pirâmides, um jogo de búzios e até por Chico Xavier. Os títulos de diferentes presságios iam aparecendo na tela e eram apenas esses que eu informava, sem abrir links que, na realidade, poderiam trazer vírus e morte não ao planeta, mas aos meus arquivos.

Enquanto lia, fazendo comentários esparsos, percebi que D. Jovelina ia revendo uma real

lista de ações para antes do final do mundo. Ela mal disfarçava o conteúdo, talvez querendo mesmo que eu tomasse conhecimento de suas vontades. Não segurando a curiosidade e falseando discrição li alguns itens: mandar rezar uma missa para a sogra, defunta antiga! Segurando o riso refleti que seria um trunfo em forma de oração caso houvesse um reencontro; outro item, mais mundano, ir em uma praia de nudismo, fantasia da juventude... Não pensei em imaginá-la, nem aos demais frequentadores de tal lugar.

Ofereci um café. Na verdade, uma forma de sair daquele clima e, ao mesmo tempo, encontrar um meio de encerrar o assunto. Cafezinho tomado e continuei pesquisando sobre o fim do mundo enquanto continuava bisbilhotando a lista dos desejos da vizinha, bem mais divertidos que possíveis cataclismos. Odiando anos de regime, ela pretendia também fazer uma grande comilança com todas as massas italianas; em letras miúdas e já certa da minha evidente indiscrição, segredou em traços rápidos o objetivo de transar com o vigia da padaria da esquina. Últimos itens, vender joias e objetos de arte para levantar fundos. Suas mãos subiram para meu ombro, tentativa sutil de um abraço.

- Querido, será que ainda consigo ir ao banco?

- Para que dinheiro, D. Jovelina?

- Nada pior que defunto pobre, querido! Tem que ter capital! Em qualquer circunstância é preciso ter capital!

- Mas se o mundo acabar, como e quem usará suas economias?

- Alguém, 'Seu Valdo', sempre sobra alguém. Um novo Adão, uma nova Eva.

- E se essa Eva for a senhora?

- Veja aí a importância de garantir o dinheiro, querido!

Pensei em ponderar o absurdo de tudo isso com a vizinha. Fazer o que? Estava em jornais e sites e ela viu ou ouviu a terrível previsão nesses programas de tv que, certamente, exageraram e ganharam atenção somando fatos sensacionalistas.

Desconhecendo a origem da informação, o que garantia uma certa verdade segundo ela, contou-me que os EUA mandaram fazer grandes caixões, que cabem quatro defuntos, para economizar espaço! Sem atinar para o absurdo da imortalidade de coveiros, a vizinha insistia para que eu continuasse, sempre atenta à lista de suas últimas vontades.

Inconformado com a ignorância alheia e sempre metido

a professor, insisti lembrando antigas reflexões em aulas de teologia:

- D. Jovelina, o mundo já acaba quando morre cada ser humano! É todo um universo que se extingue, assim como outro se inicia quando nasce alguém.

Ela me olhou como se eu estivesse falando javanês. Voltando ao tom lamurioso com que chegara fez mais um último pedido, apertando um pouco mais a minha mão:

- Querido, não quero morrer sozinha; na véspera do dia final, ou seja, amanhã, posso dormir na sua casa?

Como um raio, bati meu olhar sobre um item da lista que estava acima, mas que até então me passara despercebido: "na véspera, fazer amor e dormir de conchinha".

Minha paciência, normalmente curta, chegou ao limite:

- D. Jovelina, a senhora sabe que todas essas possibilidades não passam de conjecturas. A senhora tem idade para ter passado por duas ou três datas em que se previa o fim do mundo. A senhora veio até aqui pretendendo pesquisar ou dormir comigo? Achei que a senhora se contentaria com o vigia da padaria!

Sumindo de vez com o falso nervosismo, mudando a respiração ofegante para o que imaginava ser um arfar insinuante, a mulher ajustou a saia, ajustou o decote e, com um falso sorriso tímido sussurrou:

- Ah, querido, não é por ser final do mundo que vamos deixar de pensar nas coisas boas da vida. E se há um pecado que sempre cometi, foi o de ser safada. Eu sou muito safada!

- Dona Jovelina, eu sou casado! E se for para morrer, penso que devo viver o fim do mundo com quem amo! Portanto, contenha-se, vá procurar sua turma e me deixe trabalhar!

Toda empertigada, a vizinha assumiu um ar altivo enquanto retornava saia e decote ao nível anterior e finalizou, sem esconder uma cara amuada.

- Pensei estar lhe fazendo um favor! Estou sempre atenta e nunca vi ninguém por aqui.

Você não leu direito, não é meu desejo dormir contigo. Esse seria meu último gesto de caridade! Mas, já sabemos, você não merece.

E saiu, me deixando diante de textos e mais textos sobre mortes, terremotos, pestes, fogo, céu, inferno e... um leve receio de que algo possa impedir minha conchinha de final de mundo.

O canto da Poesia



Lisboa

me esperava com lágrimas de amada e me abraçara o seu poeta dos distantes

triste Lisboa que apenas amei por instantes mas que sempre a levarei em meus versos de amante

José Carlos Grossi

Eidman (in memoriam)

Com muito atraso te ressuscito eu que na vida só te vi ferido

Anjo despedaçado de intermitente grito nas idas e vindas de teu calvário

Injustificável caso no tempo na dose no jeito

Do inexplicável feito no plebeu cenário terem te crucificado como se fosses um deus

Eraldo H. Monteiro

Nos tempos atuais da vovozinha

É admirável esta geração atual de vovós Algumas nascidas nos grotões dos cafundós Com limitações de conforto e informação Mas criadas com os bons princípios da moral No trabalho árduo da vida rural E nos conceitos religiosos e de ponderação

Pois este modo de viver foi como uma senha Pra aprender cedo a pilotar um fogão a lenha E auxiliar em tudo nas tarefas do lar

Além de pilotar com grande desenvoltura As máquinas de tricô e de costura Com o intuito único de apenas ajudar

E assim prosseguir até encontrar O homem honrado para se casar E a sua própria família, então, formar E ser abençoada com a vinda dos filhos Conduzindo suas vidas nos devidos trilhos Até encamilhá-los para prosperar

E hoje, todos esses dons de amor e afeto São direcionados, principalmente, aos netos Que são as fontes de inspiração e motivação Para isso se rendem até às modernidades Frequentando academias com toda a naturalidade Visando manter a saúde e a disposição

Da mesma forma integrando-se às redes sociais Pelas facilidades e a agilidade que isso nos traz Para contactarmos nossos entes queridos E é assim que a vovó atenta e guerreira Vai buscando sempre a sua maneira De compartilhar os bons momentos vividos

Gostaria, portanto, de registrar a minha admiração Acompanhada da mais pura gratidão Pela bênção que tem sido a sua companhia E, como orgulhoso e encantado vovó Pedir para o Céu que nos faça um favor De continuar abençoando vovó Maria!

Fracaroli

A primeira serenata

A primeira serenata a gente jamais esquece, Nem que passem séculos, para sempre ela será lembrada. Fica arraigada na memória e de vez em quando aparece, Matando a saudade, aquecendo a alma, deixando-a purificada...

Das coisas boas da vida do seresteiro com seu violão, Que convivendo lado a lado, vão vivendo com amor. Pois sabem os dois que jamais deve haver a separação, Mas devendo continuar a entoar as canções com ardor...

E lá vai ele, dando os primeiros passos a sequenciar, As cordas de seu violão sem qualquer maculação. Sabe ele, que dedilhando as cordas, sem machucar, Serão elas que darão ao instrumento, a sonorização...

E quando ele se lembra que a 'fortuna' herdada do pai, Se perdeu água abaixo nas cacheiras da vida, Recordando vê então o quanto perdeu e jamais Terá retorno de forma alguma e se torna como uma ferida...

'Toda essa fortuna eu deixei perder, Como filho malcriado e ingrato, reles cumpridor De seu dever, bajulador de horários', a desmerecer O que lhe caberia com muito respeito e de alto valor...

'Tentou também, pobre e sem êxito, a misturar, Realidade e sonhos e, depois de bem chacoalhados Saber qual era um, qual era outro', como a lhe ministrar O que naqueles momentos saudosos foram misturados...

'E quando tenho do pai lembranças saudosas, O coração dispara, balança, bate descompassado, Tento então relembrar de seus ensinamentos e prosas, Que me fariam tão rico, mas principalmente abençoado'...

'Tento voltar, cabisbaixo como o filho pródigo', quando o pai Já está morto. 'Então não haverá festas', tudo foi em vão E sem o progenitor com vida, são só lamentos e ais Os quais o farão chorar sem ter resignação...

Arlindo Bellini

Monte Sião

A Capital Nacional da Moda em Tricô

Abril de 2022

Nº 598

ÚLTIMO TREM

ANIVERSARIANTES DO MÊS

MAIO DE 2022

Dia 1 Guilherme Silva Monteiro Caio José Labegalini Maria Neuza C. Daldosso Susete Susana Canela Dia 2 Waldemar de Castro Ribeiro Jr., Leandro Zucato Lopes Dia 3 Suelen Silva Tozetti, Ernesto G. de Bacellar, Barueri/SP Elizandra Otaviano João Paulo D. Machado Dia 4 José Claudio Faraco, Wiliam Canela Rafael Labegalini Danieli Fonseca de Godoi Dia 5 Paulo Roberto R. Zucato, São Paulo/SP Daniel Vicentini Dia 6 Ruth Elaine Silva Felício Alexandre Pennacchi José Newton Volpini Ricardo Bertoni Dia 7 Diná Correa Genghini João Paulo C. Costa Maria Aparecida C. Biscuola Natália Durante Pennacchi Felipi Maglioli Cadan Dia 8 José Cid Gotardelo Dra. Eloiza M. Jacomassi, Rio de Janeiro/RJ Larissa Monteiro Comune Keller Carolyne Cardoso Dia 9 Carolina Nasser Gouvêa Lendro Gonçalves da Silva Jeferson Galbiati Luiz Francisco Canela Aurora Magalhães Jacomassi, Rio de Janeiro/RJ Luiz Gustavo Torteli Faraco Dia 10 Sérgio Custódio, São Paulo/SP Luana Virgílio Comune Mariana Caetano Monteiro Ricardo Belinati da Fonseca Dr. Flávio Le Grazie Sílvia M. C. Pereira Bueno Fabrícia Maglioli Cadan Dia 11 Mário Kiyo Izume Cecília de Souza Morais Dia 12 Tereza da S. Labegalini Kaloré/PR Cláudia Regina R. Zucato Eliana Takahashi Maria Letícia O. Bernardi João Lúcio Genghini Jr. Cláudia Zucato Dia 13 Angélica Folgosa Macedo Walderez Gotardelo	Canela Kátia Cely Gotardelo Lopes, Belo Horizonte/MG Dia 14 Marcelo Guireli Valinhos/SP Laiz Righete Dia 15 Paulo Rogério Santos Isaura Jusinkas Labegalini Maringá/PR Luiz Gustavo C. Freire Dia 16 Fábio Guireli Sônia Maria Costa Pereira Grossi Nilson Araújo Flávia Canela Dia 17 Mirtes Custódio Beltrami, São Paulo/SP Tatiana Tavares Silva Sebastião Jacomassi, Rio de Janeiro/RJ Vivian Cristine de Paiva Dia 18 Elizabeth Tavares Miranda Rogério Uemura Gatolini Elizabeth Otaviano Miranda Francisco A. M. Gatolini Vivian Cristine de Paiva Dia 19 Daniela Beltrame Scorzab Rodrigo G. Gatolini Dia 20 Ferdinando Righete, Daniela Zucato Gustavo Righete Dia 21 Mário Sérgio Souza Bueno Tânia Labegalini Dia 22 Nayara Zucato Righete Aline Bueno Dia 23 Creusa Morais de Oliveira Caio Costa Pereira Grossi Robson A. dos Santos Davina A. dos Santos José Benedito S. e Santos Dia 24 Mônica Monteiro Dia 25 Rafael Buraneli Machado Felipe Araújo Dia 26 Vitória Penachi Samanta C. Vilas Boas Dia 27 Joana de L. Shinohara Mauro Assis dos Santos Dia 28 Waldemar Labegalini, Maringá/PR Dia 29 Felipe Cyrme Beltrame Maria Cléria Comparim Costello, Englewood, Flórida, USA Leila Sillvério Mirian Labegalini Maria A. M. Cardoso Dia 30 Camili de Fátima Artuso Giseli de C.D. Souza Márcio Magoichi Izumi
---	---

A todos, as felicitações da Redação!

FACEBOOK – “DESAPEGO MONTE SIÃO” E OPORTUNIDADES

Basta acompanhar as publicações e demandas lançadas no DESAPEGO MONTE SIÃO para concluir que a procura por mão de obra no setor de produção de malhas está aquecida. É comum, todas as semanas, anúncios de malharias buscando por operadores, tecelões e acabadores. Muitas vezes a procura é por prestadores de serviços independentes que certamente devem ser cadastrados como MEI (Micro Empresário Individual) para assegurar a perfeita relação comercial com a independência necessária entre as partes e a evitação de futuras demandas trabalhistas e tributárias. Vamos fazer tudo direitinho!

ENCHENTE DAS GOIABAS II E ANIVERSÁRIO DA CIDADE

Dia 29 de março de 2022, 173º aniversário de Monte Sião, bastante lembrado, por sinal, São Pedro deu uma descuidada e tropeçou no balde derramando tudo lá pelos lados do São Simão. Perecia um rio, parecia um mar (eu vi no whatsapp), solapando tudo, levando o asfalto, pontes e acrescentando mais serviço para a prefeitura que já está até os cabelos de demanda. Parabéns Monte Sião! “Sartei de banda”!

ENCHENTE DAS GOIABAS III – DEFESA CIVIL DE MONTE SIÃO

Para ocorrências mais complicadas, que comprometam a segurança, em que o cidadão precisa da administração pública para avocar a responsabilidade e assumir a bronca, a cidade dispõe de um órgão de Defesa Civil de Monte Sião, coordenado por Fernando Massaro e atende pelo telefone (35)98862-4153. “As ações mais importantes a serem desenvolvidas pela COMPDEC são as preventivas

que tem por objetivo evitar que o desastre ocorra. Portanto, são realizadas antes do desastre, no período de normalidade”. Mais informações poderão ser obtidas no site <http://www.defesacivil.mg.gov.br/>; email: defesacivil@montesiao.mg.gov.br, Instagram: https://www.instagram.com/defesacivil_ms/. Sempre alerta!

FUNDAÇÃO PASCOAL ANDRETA, ORGULHO DE MONTE SIÃO

Resultado dos esforços de monte sionenses abnegados, a FUNDAÇÃO PASCOAL ANDRETA (<https://fundacaopascoalandreta.com.br/>) dedica todas as suas ações em prol do desenvolvimento cultural, particularmente da cidade de Monte Sião, com o Museu Histórico Geográfico em exibição permanente, edição mensal do Monte Sião, apoio a outras ações culturais do município, apoio à rede escolar, promoção de edição de livros, concurso anual “Fritz Teixeira de Salles de poesia” etc., a diretoria, toda voluntária, faz milagres com o escassos recursos que recebe e segue firme na batalha proposta, mesmo que tenha que sacrificar recursos pessoais. Dá uma paradinha pra pensar, a Fundação aceitará de bom coração a sua contribuição que será imediatamente convertida em ações culturais em benefício da própria comunidade. Nós reservaremos uma poltrona e faremos agradecimento expresso no Último Trem, de todo o coração! Vem com a gente!

INDO BEM LONGE, ATÉ MIRANDÓPOLIS, SP.

A edição 596 do Monte Sião que publicou na pag. 2 a crônica/documento “SOBRE O MUSEU HISTÓRICO DA IMIGRAÇÃO JAPONESA, EM SÃO PAULO, E O MUSEU HISTÓRICO GEOGRÁFICO DE MONTE

SIÃO: A documentação histórica é feita de pequenos detalhes”, por L. A. Genghini e Yoshiharu Endo, chegou até Mirandópolis, noroeste do estado de S. Paulo, onde está sendo incluído no blog de historiadora local. A blogueira Regina Célia Araújo (reginamustafa@hotmail.com) reproduziu o artigo e fotos, ver dia 21/01/2022, no blog <http://linhadotempomirandopolis.blogspot.com/2022/01/>; www.linhadotempomirandopolis.blogspot.com/1963 e <https://www.facebook.com/groups/404169826270357> (postagem de 28/03/2022). Parabéns Mirandópolis!

LYGIA FAGUNDES TELLES (1923-2022)

Mais uma grande escritora, das mais marcantes de nossa época, autora de contos que acalentaram momentos de solidão e de introspecção ao longo da vida. Vai pra Deus, Lygia Fagundes Telles, lá tem um espaço precisando de sua prosa! Amém!

O ÚLTIMO TREM CONTINUA...

Como sempre foi o desejo do Ivan, chefe da estação e maquinista mor, de muita falta e saudades, o ÚLTIMO TREM continua se locomovendo por aí, em linhas imaginárias, fazendo paradas em botecos e vilas, recolhendo as novidades e entregando fatos curiosos e interessantes, mesmo que fantasiosos. Você que é passageiro eventual ou costureiro, mande notícias para o aprendiz de auxiliar de maquinista lagenghini@hotmail.com ou whatsapp 11 9.9902-8784.

ATENÇÃO COLABORADORES DO MONTE SIÃO

O tempo é patrimônio se esvai, portanto envie seus textos até o dia 10 de cada mês. Os editores e revisores agradecem!

Fragmentos 10

ARIOVALDO GUIRELI

1- O primeiro goleiro era espetacular. Durante a partida futebolística defendeu tudo. Defesas consideradas impossíveis. Comentários elogiosos. Torcida que o elevava e o queria na Seleção. Porém, faltando um minuto para o término da partida eis que uma bola defensável vem ao seu encontro. E ele falha. O time perde o jogo. O goleiro foi escrachado. Jogado às feras.

O segundo goleiro era medíocre. Durante a partida deixava a sua defesa em polvorosa. Tudo que chutava para o gol levava perigo. Tinha falhado em cinco lances. O time perdia por três a zero. Se levasse o quarto gol o time seria rebaixado para a segunda divisão. Faltando um minuto para o término da partida ele comete pênalti no atacante adversário. O artilheiro do outro time chuta no meio do gol onde ele estático faz a defesa. Saiu do estádio sob aplausos. Considerado um herói.

Existem aqueles que tudo fazem e quando cometem um pequeno deslize é execrado. O outro não fez nada durante o seu tempo. E no finalzinho resolve fazer algo é elogiado, principalmente quando beneficiou a classe alta que está no poder.

2- Muitos têm medo que Deus venha destruir o mundo. Fiquem despreocupados. O pôr do sol no sul de Minas é prova de que Deus não fará isto. A nossa estupidez em poluir rios, mares, destruir matas; a degradação ecológica, o progresso financeiro a qualquer custo, a economia neoliberal, o descaço com o ser humano, a falta de respeito com o próximo isto sim pode destruir o mundo. Basta olhar a sua lixeira diária. A vida precisa ser mais harmoniosa. Ficamos a pensar em um tempo em que os sinos anunciavam o ritmo da vida. E os sinos desapareceram. No seu lugar um estridente som sem história. A loucura humana se esvai no asfalto onde os veículos trafegam sem deixar marca alguma. Sabemos que o cenário atual está comprometendo e desgastando os nossos sentidos. Por isso não temos que ter medo de final algum, aliás lembramos de Guimarães Rosa dizendo: “a coisa não está nem na partida nem na chegada, está na travessia”.

3- Todo elemento espiritual manifesta e valoriza sobremaneira o corpo, feminino ou masculino. Theillard de Chardin afirmava que os cristãos sempre valorizam em Jesus a sua natureza humana e sua natureza divina. Agora deveriam reconhecê-lo em seu corpo cósmico: a Terra e o

universo.

4- “A abelha fazendo o mel vale o tempo que não voou”(de Ronaldo Bastos in “Amor de Índio” música de Beto Guedes). Frase forte. E nos mostra que sacrifícios tem várias faces. Observe este diálogo entre uma freira americana cuidando de leprosos e um milionário texano. O milionário vendo-a a cuidar daqueles leprosos, disse: - “Freira, eu não faria isso por dinheiro nenhum do mundo”. E ela responde: “Eu também não, meu filho”. Continuou trabalhando com caridade. E ele foi embora.

5- Desconfie daqueles que oferecem facilidades. A vida reserva vários terrenos em cada curva!

6- Leia de Frei Betto – ‘A Obra do Artista’ – uma visão holística do universo. Editora José Olympio.

7- Este fragmento foi inteiramente liberado por Lourenço Diaféria e Ivan Mariano Silva.

8- Beijos gerais.

CASA DAS MASSAS
de Lourdes Labegalini

**Pães e Massas Especiais
Panetones e Congelados**

Rua J.K. de Oliveira, 1.170
Fone 3465-1368
Monte Sião - MG

ACEITAMOS ENCOMENDAS

ACM ADRIANO - CHARLES - MAURICE
CONTABILIDADE

(35) 3465-1635
3465-4404

R. Juscelino K. de Oliveira, 1102 - Centro - Monte Sião | MG

Laboratório de Análises Clínicas Bioanálise

Bioquímico: Ferdinando Righetto

- Teste do Pezinho ampliado
- Credenciamento com os Laboratórios: GENOMIC (Teste de DNA) - CRIESP e SAE (São Paulo) HERMES PARDINI (Belo Horizonte)

Rua do Mercado, 866 - Tel (35) 3465-1714 - Centro - Monte Sião/MG

PORCELANA MONTE SIÃO

BIBELÔS EM GERAL - CANECAS PARA CHOPP
VASOS - CINZEIROS PARA BRINDES, ETC.

A única que produz PORCELANA AZUL e BRANCA no Brasil
AGRADECEMOS SUA VISITA

Rua Sete de Setembro - Tel.: (35) 3465-1117 - Monte Sião - MG

Nossos avós já compravam na

Loja do Plácido

A mais antiga da cidade - Desde 1922

TECIDOS - CALÇADOS - CONFECÇÕES - CAMA - MESA - BANHO

Rua Presidente Tancredo Neves, 194
Fone: 3465-1144

VISITE NOSSO MUSEU

ELETRÔNICA MONTE SIÃO
Everson Labegalini

Peças e Acessórios para
Áudio e Vídeo

Rua: Carlos Pennacchi nº 60 - Loja 5 - Centro - Monte Sião / MG
Cel.: (035) 8404-5136